



Com os Graindelavoix a música é mais do que uma arte do tempo

Os Graindelavoix e os segredos da *Ars Subtilior*

Crítica de Música

Cesena

★★★★★

Graindelavoix e Rosas
Björn Schmelzer (direcção)
LISBOA Antigo Refeitório do Mosteiro dos Jerónimos. 10 de Junho. Lotação esgotada.

Depois do extraordinário trabalho de coordenação dos Graindelavoix de Björn Schmelzer e da Companhia Rosas de Anne Teresa de Keersmaeker em *Cesena*, percurso inquietante das trevas à luz que permuta funções entre cantores e bailarinos ao som das intrincadas polifonias da *Ars Subtilior*, a componente musical do espectáculo foi apresentada em concerto no final do Alkantara Festival. A selecção de Björn Schmelzer inclui boa parte do programa de um dos últimos CD do grupo – *Cesena: Songs for Popes, Princes and Mercenaries (c. 1400)* – e o *Kyrie* da Missa de Toulouse, peça de grande impacto que integra de modo eficaz as vozes dos bailarinos.

Os Graindelavoix, alguns bailarinos e a própria coreógrafa formaram um círculo no Refeitório dos Jerónimos, iniciando o concerto com o motete politextual *Pictagore per dogmata* do Códice de Chantilly, bem ilustrativo da sofisticação desta corrente musical surgida em finais do século XIV em França numa época conturbada marcada pela Guerra dos Cem Anos e pelo Grande Cisma do Ocidente. Com a crescente precisão rítmica atingida pela notação da época, a música deixou de ser vista apenas como arte do tempo e passou também a ser considerada como

objecto matemático ou geométrico. O uso de um conjunto de vozes heterogéneas com diferentes técnicas e colocações (tanto de matriz erudita como oriundas das tradições orais do Mediterrâneo) contribuiu para dar relevo, espessura e variedade tímbrica a essas arquitecturas sonoras e para uma nova visão do repertório. Schmelzer não foi o primeiro a recorrer a cantores da tradição oral, nem à profusão de ornamentação improvisada, mas o resultado tem uma identidade artística única, contrastando com as abordagens mais convencionais. Com efeito, a estética deste período é marcada pela heterogeneidade – basta pensar na sobreposição de perfis melódicos, métricas e textos distintos na mesma peça.

Para quem conhece as partituras da *Ars Subtilior* é surpreendente que o programa tenha sido cantado de memória e que soe de forma tão espontânea e emocional, mas talvez o segredo seja mesmo esse em detrimento de uma abordagem mais racional. Peças emblemáticas como *Corps feminin* e *Fumeux fume*, de Solage, tiveram interpretações memoráveis, atingindo-se nesta última uma crescente sensação inebriante. A tensão criada pela Balada de Caserta em louvor do Papa de Avignon Clemente VII (responsável pelo massacre de Cesena em 1377) foi dissipada pela plenitude do *Kyrie* de Toulouse e em *Le ray au soleil*, de Ciconia, o som transfigurou-se em luz. No final o canto visceral de um poema épico sérvio por Matej Kejzar fez a transição para o esplêndido motete “Hodie puer nascitur/Homo mortalis firmiter”, de Jean Hanelle.

Graças ao entusiasmo do público, o *Kyrie* foi repetido como *encore*.

Cristina Fernandes